

A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR O DESENVOLVIMENTO MOTOR DE ACORDO COM A PSICOMOTRICIDADE NAS SÉRIES INICIAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Mariana Matteucci Mendes¹

Francisco José Fornari Sousa²

RESUMO

A educação do movimento é justificada tendo em conta a contribuição que a Educação Física pode proporcionar aos alunos na aquisição das habilidades motoras e no desenvolvimento da boa forma total. O desenvolvimento motor é um processo de mudanças no nível de funcionamento de um indivíduo, onde uma maior capacidade de controlar o movimento é adquirida ao longo do tempo. Assim, o objetivo principal desse estudo foi realizar testes de motricidade fina e motricidade global com 14 alunos, do 5º ano com idade média de 10 a 12. Será utilizada a Escala de Desenvolvimento Motor, Rosa Neto (2002). Através dos testes aplicados apareceram os seguintes resultados, nos testes de Motricidade Fina (n=6, 43%) encontram-se num nível Normal Médio, e (n=8, 57%) encontra-se com idade motora abaixo do desejado. E nos testes de Motricidade Global (n=14, 100%) encontra-se com idade motora abaixo do desejado. A partir dos testes realizados pode-se concluir que a maioria os alunos que participaram dos testes de Motricidade Fina e Global encontra-se com níveis inferiores a suas faixas etárias.

Palavras-Chave: Escala de Desenvolvimento Motor. Psicomotricidade. Escola.

¹ Acadêmica da 8ª Fase do Curso de Educação Física do Centro Universitário FACVEST.

² Professor da disciplina de TCC do Centro Universitário FACVEST.

**THE IMPORTANCE OF DEVELOPMENT WORK IN ACCORDANCE WITH THE
ENGINE IN PSYCHOMOTRICITY SERIES BEGINNING IN PHYSICAL
EDUCATION CLASSES**

ABSTRACT

The movement education is justified in view of the contribution that physical education can provide students in the acquisition of motor skills and developing good shape overall. Motor development is a process of changes in the operating level of an individual where a greater ability to control the movement is acquired over time. Thus, the main objective of this study was to perform tests of fine motor and gross motor control with 14 students from 5th grade with an average age of 10 to 12. It will be used the Scale of Motor Development, Rosa Neto (2002). By means of the tests showed the following results in tests fine motor (n = 6, 43%) are in an average normal level, and (n = 8, 57%) is aged below the desired motor. And in Global Kinetics tests (n = 14, 100%) is aged below the desired motor. From the tests we can conclude that most students who participated in the tests and Global Fine Motor meets with levels below their age.

Key words: Motor Development Scale. Psicomotricidade. School.

1. INTRODUÇÃO

A educação do movimento é justificada tendo em conta a contribuição que a Educação Física pode proporcionar aos alunos na aquisição das habilidades motoras e no desenvolvimento da boa forma total. É através da educação do movimento que a criança poderá melhor utilizar seu corpo, movimentando-se com eficiência, prazer e controle. Com relação à educação pelo movimento, a Educação Física pode contribuir para a formação do aluno, considerando o desenvolvimento cognitivo e afetivo, que segundo Gomes (1987), são domínios do comportamento humano e não estão separados do domínio psicomotor.

A Psicomotricidade é um termo que ganha uma importância cada vez maior no “desenvolvimento global do indivíduo” em todas as suas fases da vida, principalmente por estar articulada com outros campos científicos como a Neurologia, a Psicologia e Pedagogia. Isso acontece porque a psicomotricidade se preocupa com a relação entre o homem e o seu corpo, considera não só aspectos psicomotores, mas os aspectos cognitivos e sócios afetivos que constituem o sujeito (FONSECA, 1998).

O conceito de psicomotricidade ganhou assim uma expressão significativa uma vez que traduza solidariedade profunda e original entre a atividade psíquica e motora. O movimento é aquacionado como parte integrante superior da motricidade, produto de uma relação inteligível entre a criança e o meio, e instrumento privilegiado através do qual a consciência se forma e materializa-se (COSTE, 1992).

O desenvolvimento do estudo foi feito numa escola de rede pública estadual. Foram definidos como sujeito de pesquisa 14 alunos do 5º ano com idade medida entre 10 a 12 anos regularmente matriculados em uma escola estadual situada no município de Lages, SC.

Elencou-se como objetivo geral o desenvolvimento motor dos alunos, ao desenvolvimento psicomotor das crianças. Para o desenvolvimento do presente estudo será utilizado a Escala de Desenvolvimento Motor (EDM) de Rosa Neto (2002) onde se procedeu à realização de testes de Motricidade fina e Motricidade global e posterior análise dos alunos. Deve ser considerado ainda o fato de que a EDM se apresenta como complemento indispensável no exame psicológico e na observação dos mais variados problemas que pode apresentar uma criança.

Pois o desenvolvimento motor é o resultado da maturação de certos tecidos nervosos, aumento em tamanho e complexidade do sistema nervoso central, crescimento dos ossos e músculos. São, portanto, comportamento não apreendidos que surgem espontaneamente desde

que a criança tenha condições adequadas para exercitar-se.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Psicomotricidade

A história da psicomotricidade nasce com a história do corpo. O termo apareceu no discurso médico em princípios do século XX, com trabalhos de Dupré (COSTE, 1992), na França por volta de 1920, significando um entrelaçamento entre o movimento e o pensamento.

Segundo Coste (1992) Dupré verificou que existia uma estreita relação entre as anomalias psicológicas e as anomalias motrizes denominada de “debilidade motriz”, que o levou a formular o termo Psicomotricidade, que é o controle mental sobre a expressão motora.

Psicomotricidade, segundo Coste, (1992); Fonseca, (1998); Mello, (1989); Nicola, (2004), dentre tantos outros, é a ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, bem como suas possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com os abjetos e consigo mesmo. Está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas.

A Psicomotricidade pode ser definida com a educação do homem pelo movimento, ou seja, é o desenvolvimento do “[...] comportamento da criança.” (COSTE, 1992)

O desenvolvimento psicomotor se caracteriza por uma maturação que integra o movimento, o ritmo, a construção espacial, dentre outras. A criança deve começar desde cedo a controlar seu próprio corpo, equilibrar braços, pernas, ter noção de esquerda e direita e dominar as noções de tempo. Desse modo, os elementos básicos da psicomotricidade são: o esquema corporal, lateralidade, estruturação espacial, orientação espacial, orientação temporal (MELLO, 1989).

2.2 A Educação Psicomotora

Segundo Relatório da Comissão de renovação de Pedagogia para o primeiro grau *apud* Le Boulch (1987, p.12.):

A educação psicomotora deve ser considerada como uma educação básica para a escola primária. Ela condiciona todas as aprendizagens pré-escolares e escolares; estas não podem ser conduzidas a bom termo se a criança não tiver conseguido tomar consciência do seu corpo, lateralizar-se, situar-se no espaço, dominar o tempo; se não tiver adquirido habilidade suficiente e coordenação de seus gestos e movimentos. A educação psicomotora deve constituir privilégio desde a mais tenra infância; conduzida como perseverança, permite prevenir certas inadaptações sempre difíceis de melhorar quando já estruturadas...

As práticas da psicomotricidade geralmente se desenvolvem com atividades que objetivam movimento, possuindo uma extensa ligação com o desenvolvimento, aprendizagem e a personalidade da criança.

A educação psicomotora é uma técnica, que através de exercícios e jogos adequados a cada faixa etária leva a criança ao desenvolvimento global de ser. Deve estimular, de tal forma, toda uma atitude relacionada ao corpo, respeitando as diferenças individuais (o ser é único, diferenciado e especial) e levando a autonomia do indivíduo como lugar de percepção, expressão e criação em todo seu potencial. Trata-se de uma técnica que objetiva ampliar as possibilidades de maturação e interações da criança, sendo que deve ser considerada antes de tudo uma experiência ativa de confrontação com o meio interno e externo (MELLO, 1989).

É importante ressaltar que a intervenção psicomotora no desenvolvimento da criança, não se restrinja a um recurso pedagógico, mais sim possuir, além disso, uma estrutura pra trabalhar a educação educativa de maneira global, que conseqüentemente vai estar intimamente ligada ao desenvolvimento geral da criança tal como sua personalidade. Através do desenvolvimento da educação psicomotora, é possível explorar as vivências, expressões, aperfeiçoamento e integração das capacidades sensoriais, perceptivas, motoras, cognitivas e afetivas da criança, e ainda tende a estimular e enriquecer a sua relação consigo mesmo e com o mundo externo e assim perpassar ativamente em sua própria evolução (GOMES, 1987).

Tornar-se um fator primordial no processo de educação psicomotora o fator social, ou seja, a presença dos pais é extremamente significativa para um bom desenvolvimento do trabalho do psicomotrista. Pois são os pais as pessoas mais indicadas para fornecer todas as informações necessárias que contribuirão no desenvolvimento da criança.

Ainda é dito que a criança deve estar biologicamente pronta para a aprendizagem. Isto que dizer que a criança só aprende quando amadurece. Esta é uma das grandes “desculpas” para o fracasso escolar. O auxílio educativo geralmente é proveniente dos pais e do âmbito escolar, tendo como finalidade mediante as práticas da psicomotricidade exercer a função de ajustamento da criança seja de forma individual ou coletiva. Dentro destes aspectos,

a educação Psicomotora surge para que haja um melhor desenvolvimento da criança, através da utilização dos movimentos do corpo (MEUR; STAES, 1989).

Segundo Le Boulch (1982), a educação psicomotora é um meio prático de ajudar a criança a dispor de uma imagem do “corpo operatório”, a partir do qual poderá exercer sua disponibilidade. Esta conquista passa por vários estágios de equilíbrio, que correspondem aos estágios da evolução psicomotora.

Como o comportamento físico da criança expressa, uma a uma, suas dificuldades intelectuais e emocionais, pode-se dizer que a psicomotricidade é a ciência do corpo em movimento, percebemos a ação dos braços, pernas e músculos gerados pela ação da mente. É necessário, portanto, educar o movimento pela mente (LE BOULCH, 1987).

Desta forma, a psicomotricidade vai permitir que se estabeleça a noção de vazio ou ocupado. São os gestos do corpo que vão levar o indivíduo a consciência de seus limites e possibilidades.

A educação psicomotora é um meio prático de ajudar a criança a dispor de uma imagem do ‘corpo operatório’, a partir da qual poderá exercer sua disponibilidade. Esta conquista passa por vários estágios da evolução psicomotora (LE BOULCH, 1992).

2.3 A Atuação do Profissional de Educação Física

Cabe primeiramente ao professor conhecer as etapas de desenvolvimento psicomotor da criança, as características das faixas etárias, necessidades e interesses, para melhor planejar a ação docente.

O professor pode ajudar e muito, em todos os níveis, na estimulação do desenvolvimento cognitivo e para o desenvolvimento de aptidões e habilidades, na formação de atitudes através de uma relação afetiva saudável e estável (que crie uma atmosfera de segurança e bem-estar para a criança) e, sobretudo, respeitando e aceitando a criança do jeito que ela é.

A reeducação psicomotora é um processo, uma terapia programada que visa modificar o comportamento. Parte dessa atuação é privativa do técnico em psicomotricidade. No entanto, as atitudes do professor têm de estar relacionadas com a orientação específica do profissional habilitado. É preciso mais do que vontade e boas intenções: é necessário intervir de forma adequada, no movimento oportuno, com técnicas apropriadas (MEUR; STAES,

1989).

Na área da educação, a psicomotricidade abrange um campo preventivo. O ideal seria se todos os professores tivessem conhecimentos básicos do assunto. O educador tem que estar atento, para detectar quando o aluno tem dificuldades na aprendizagem e se está ok então para estimulá-lo.

O professor antes de alfabetizar pode desenvolver tarefas onde a criança execute movimentos amplos, transportar objetos, exercitar movimentos de pinça com o polegar e o indicador. Ele necessita movimentar ao máximo os dedos, as articulações do braço, do pulso e das mãos, para perceber os tipos de pressão, de resistência, de temperatura e as formas dos objetos. Pois, segundo Fonseca (2004, p.59):

A criança recorre aos gestos exatamente porque, para ela, ilustrar objetos, situações e ações são ainda difíceis de verbalizar. Antes de verbalizar, a criança tem de gesticular para exprimir as significações. O mesmo se observa em crianças mais velhas que possuem frágeis instrumentos verbais. Por alguma razão, a expressão manual e gestual constitui um potente modo de comunicação, e na criança assume intencionalidade própria e característica, uma espécie de linguagem que se mistura com emoções e atitudes que vão progressivamente se reduzindo à medida que o vocabulário se expande.

A ação educativa da escola consistirá em desenvolver a espontaneidade adaptada ao ambiente. Para isso é necessário que o professor tenha conhecimento do ritmo de desenvolvimento da criança e crie as condições pra o seu progresso. O que só é possível num ambiente em que ela pode se beneficiar do contato com outras crianças de mesma idade, participando de atividades coletivas, alternadas com tarefas individuais.

É preciso também que o professor ajude a criança a afirmar sua própria lateralidade, permitindo-lhe realizar livremente suas experiências motoras. Nas primeiras atividades gráficas, não exercer nenhuma pressão na criança no sentido de incitá-la a usar a mão direita, a fim de que a coordenação óculo-manual (aspecto particular do ajustamento motor global) corresponda, verdadeiramente, a uma auto-organização (FONSECA, 1995).

A educação psicomotora na idade escolar deve ser antes de tudo uma experiência ativa de confrontação com o meio. A ajuda educativa proveniente dos pais e do meio escolar tem a finalidade não de ensinar a criança comportamentos motores, mais sim de permitir exercer sua função de ajustamento, individualmente ou com outras crianças.

2.3.1 Motricidade Fina

É a capacidade para realizar movimentos específicos, usando os pequenos músculos, a fim de atingir a execução bem sucedida da habilidade. Requer um ato de grande precisão no movimento. Movimentos manuais em que coordenação e a precisão são essenciais (CHUM, 1981).

Segundo Rosa Neto (2002), a motricidade fina compreende as atividades manuais guiadas por meio da visão, intervindo ao mesmo tempo no conjunto dos músculos que asseguram a manutenção dos ombros, dos braços, do antebraço e da mão, que é particularmente responsável pelo ato manual de agarrar ou pelo ato motor, assim como os músculos oculomotores que regulam a fixação do olhar, as sacudidas oculares e os movimentos de perseguição.

2.3.2 Motricidade Global

Realização de grandes movimentos com todo o corpo, envolvendo as grandes massas musculares, havendo harmonia nos deslocamentos. Não a precisão nos movimentos, embora seja importante a coordenação perfeita dos movimentos (FREITAS, 1999).

A coordenação global diz respeito à atividade dos grandes músculos e depende da capacidade de equilíbrio postural do indivíduo.

Através da movimentação e da experimentação, o indivíduo procura seu eixo corporal, vai se adaptando e buscando um equilíbrio cada vez melhor. Conseqüentemente, vai coordenando seus movimentos vão se conscientizando de seu corpo e das posturas (D'IANCAO, 1988).

3. METODOLOGIA

Realizou-se pesquisa de campo na qual se desenvolveu testes de Motricidade fina e Motricidade global. Fizeram parte da amostra 14 alunos regularmente matriculados numa rede de ensino pública estadual, em Lages, Santa Catarina, do quinto ano do Ensino Fundamental, dos quais sete do sexo feminino e sete do sexo masculino, com idade média entre 10, 12 anos.

Decidiram-se os testes que seriam aplicados providenciando o material necessário

para execução dos mesmos. Os testes foram feitos na escola, em outra sala, pois a sala que os alunos estudam estava tendo aula normal.

Para a realização dos testes foram utilizados os seguintes instrumentos com base nas informações e instruções do Manual de Avaliação de Rosa Neto (2002) e inclui os seguintes materiais: 12 cubos, linha de costura, agulha (1 cm x 1m/m), um par de cordões de sapato de 45 cm, um lápis, labirinto de papel, papel de seda (5 x 5cm), bola, alvo de papel, banco de 15 cm, corda, fita elástica, caixa de fósforo, cadeira, cronometro para os testes que envolviam tempo e ficha para registrar os resultados.

Rosa Neto (2002, p. 45) escreveu que “[...] os testes poderão ser aplicados de acordo com a idade cronológica da criança. Um escolar poderá ser testado a partir da sua idade cronológica ou inferior”.

Sendo assim os testes aplicados referem-se a uma idade cronológica inferior a idade dos avaliados, ou seja, idade de dois anos.

No teste de motricidade fina para dois anos foi adotado o seguinte método: 12 cubos em desordem; tomam-se 4 e com eles se monta uma torre diante da criança, figura nº1. ‘Faz uma ponte igual’ (sem desmontar o modelo). A criança deve fazer uma torre de quatro cubos ou mais, quando se lhe indique (não deve jogar com os cubos antes nem depois).

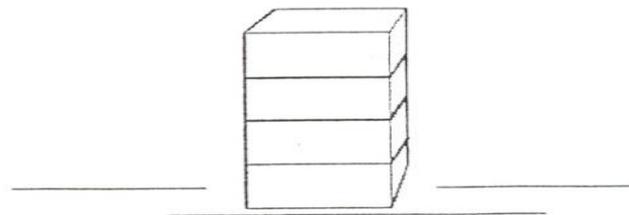


Figura 1. Torre de cubos. Conforme original de Rosa Neto (2002)

No teste de motricidade fina para três anos foi adotado o seguinte método: 12 cubos em desordem; tomam-se 3 e com eles se constrói uma ponte diante da criança, figura nº2. ‘Faça você algo semelhante’ (sem desmontar o modelo). Pode-se ensinar várias vezes a forma de fazê-lo. É suficiente que a ponte se mantenha ainda que não esteja muito bem equilibrada.

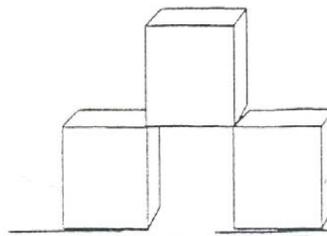


Figura 2. Construção de uma ponte. Conforme original de Rosa Neto (2002)

No teste de motricidade fina para quatro anos foi adotado o seguinte método: Linha

número 60 e agulha de costura (1cmX1m/m). Pata começar mãos separadas 10 cm. A linha passa aos dedos em 2cm. Comprimento total da linha, 15 cm; figura nº3. Duração 9 segundos. Ensaio: dois.



Figura 3. Linha e agulha. Conforme original de Rosa Neto (2002)

No teste de motricidade fina para cinco anos foi adotado o seguinte método: Um par de cordões de sapato de 45 cm; e um lápis. ‘Preste atenção no que eu faço.’ Junta esse cordão e o lápis, figura nº 4. Faça um nó simples e dê o outro cordão a criança. ‘Com este cordão fazer um nó em meu dedo como eu fiz no lápis.’ Se aceita qualquer tipo de nó desde que este não se desmanche.

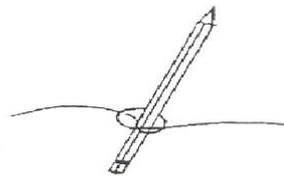


Figura 4. Lápis com um nó de cordão de sapatos. Conforme original de Rosa Neto (2002)

No teste de motricidade fina para seis anos foi adotado o seguinte método: Criança sentada na mesa. Coloca-se frente aos labirintos. Traçar com um lápis uma linha contínua desde a entrada até a saída do primeiro labirinto e imediatamente iniciar o segundo. Após 30 segundos de repouso, começar o mesmo exercício com a mão esquerda, figura nº5.

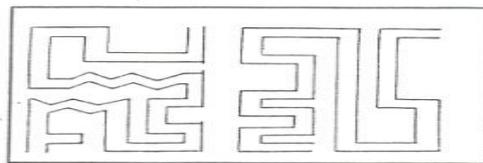


Figura 5. Labirinto de OZERETSKI. Conforme original de Rosa Neto (2002)

Erros: a linha ultrapassar o labirinto (mais de duas vezes para a direita, mais de três vezes para a esquerda); tempo limite ultrapassado. Duração: 1 minuto e 20 segundos para a mão direita e 1 minuto e 25 segundos para a esquerda. Tentativas: duas para cada mão.

No teste de motricidade fina para sete anos foi adotado o seguinte método: Fazer uma bolinha compacta com um pedaço de papel de seda (5X5cm) com uma só mão, palma para baixo sem ajuda da outra mão. Após 15 segundos de repouso, o mesmo exercício com a outra mão. Erros: Tempo limite ultrapassado; bolinha pouco compacta. Duração: 15 segundos para a mão direita e 20 segundos para a mão esquerda. Tentativas: duas para cada mão.

No teste de motricidade fina para oito anos foi adotado o seguinte método: Com a

ponta do polegar, tocar com a máxima velocidade possível os dedos da mão, um após o outro, sem repetir a seqüência. Inicia-se do dedo menos para o polegar, retornando para o menos. O mesmo exercício com a outra mão. Erros: tocar várias vezes o mesmo dedo; tocar dois dedos ao mesmo tempo; esquecer de um dedo; tempo ultrapassado. Duração: cinco segundos. Tentativas: duas para cada mão.

No teste de motricidade fina para nove anos foi adotado o seguinte método: Arremessar uma bola (seis cm de diâmetro), num alvo de 25 x 25, situado na altura do peito, 1,50 m de distância (lançamento a partir do braço flexionado, mão próxima do ombro, pés juntos). Erros: deslocamento exagerado do braço; cotovelo não ficou fixo ao corpo durante o arremesso; acertar menos de duas vezes sobre três com a mão direita e um sobre três com a esquerda. Tentativas: três para cada mão, figura nº 6.

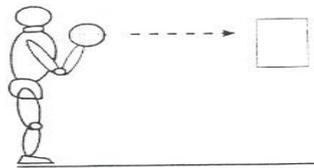


Figura 6. Arremesso da bola no alvo. Conforme original de Rosa Neto (2002)

No teste de motricidade fina para dez anos foi adotado o seguinte método: A ponta do polegar esquerdo sobre a ponta do polegar direito e vice-versa. O índice direito deixa a ponta do polegar esquerdo e desenhando uma circunferência ao redor do índice esquerdo e vai buscar a ponta do polegar esquerdo, entretanto permanece o contato do índice esquerdo com o polegar direito. A continuação do índice esquerdo que se faz à manobra, e assim sucessivamente, com a maior velocidade. Em torno de 10 segundos a criança fecha os olhos e continua assim por espaço de outros 10 segundos. Erros: movimento mal executado; menos de 10 círculos, não execução com os olhos fechados. Tentativas: três.

No teste de motricidade fina para onze anos foi adotado o seguinte método: Agarrar com uma mão uma bola (6 cm. De diâmetro), lançada desde 3 metros de distância. A criança deve manter o braço relaxado ao longo do corpo até que se diga 'agarre'. Após 30 segundos de repouso, o mesmo exercício com a outra mão. Erros: agarrar menos de três vezes sobre cinco, com a direita; menos de duas vezes sobre cinco com a esquerda. Tentativas: cinco para cada mão, figura nº 7.

No teste de motricidade global para dois anos foi adotado o seguinte método: Subir, com apoio, em um banco de 15 cm. De altura e descer. (Banco situado ao lado de uma parede), figura nº 8.

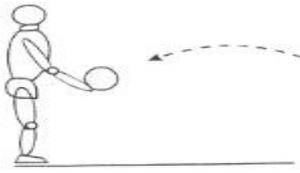


Figura 7. Agarrar a bola. Conforme original de Rosa Neto (2002)



Figura 8. Subir no banco. Conforme original de Rosa Neto (2002)

No teste de motricidade global para três anos foi adotado o seguinte método: Com os pés juntos: saltar por cima de uma corda estendida sobre o solo (sem impulso, pernas flexionadas), figura nº 9. Erros: pés separados, perder o equilíbrio e cair. Tentativas: três (duas tentativas deverão ser positivas).

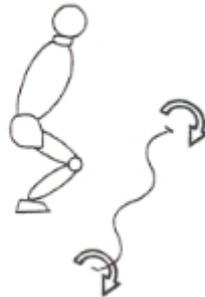


Figura 9. Saltar por cima da corda. Conforme original de Rosa Neto (2002)

No teste de motricidade global para quatro anos foi adotado o seguinte método: Dar saltos, sete ou oito sucessivamente, sobre o mesmo lugar com as pernas ligeiramente flexionadas, figura nº 10. Erros: movimentos não simultâneos de ambas as pernas, cair sobre os calcanhares. Tentativas: duas.



Figura 10. Saltar sobre o mesmo lugar. Conforme original de Rosa Neto (2002)

No teste de motricidade global para cinco anos foi adotado o seguinte método: Com os pés juntos: saltar sem impulso uma altura de 20 cm, figura nº 11. Erros: tocar no elástico,

cair (apesar de não ter tocado no elástico); tocar no chão com as mãos. Tentativas: três, sendo que duas deverão ser positivas.

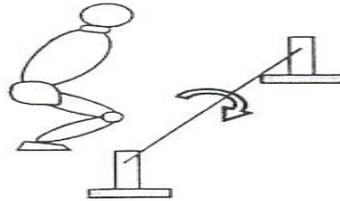


Figura 11. Saltar sobre o elástico. Conforme original de Rosa Neto (2002)

No teste de motricidade global para seis anos foi adotado o seguinte método: Com os olhos abertos, percorrer 2 metros em linha reta, posicionando alternadamente o calcanhar de um pé contra a ponta do outro, figura nº 12. Erros: se afastar da linha; balanceios; não foi boa a execução. Tentativas: três.

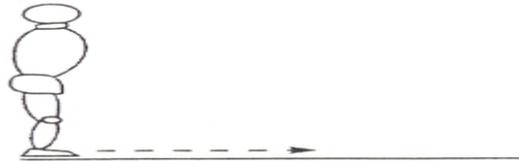


Figura 12. Percorrer dois metros em linha reta. Conforme original de Rosa Neto (2002)

No teste de motricidade global para sete anos foi adotado o seguinte método: Com os olhos abertos, saltar ao longo de uma distância de 5 metros com a perna esquerda, à direita flexionada em ângulo reto com o joelho, os braços relaxados ao longo do corpo, figura nº 13. Após um descanso de 30 segundos, o mesmo exercício com a outra perna. Erros: distanciar-se mais de 50 cm. Da linha; tocar no chão com a outra perna; balançar os braços. Tentativas: duas para cada perna. Tempo indeterminado.

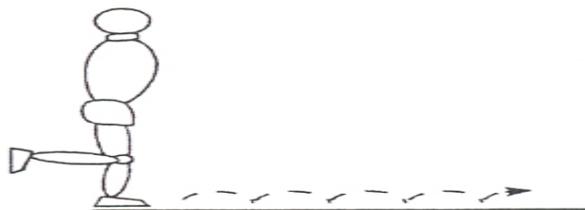


Figura 13. Saltar ao longo de uma distância de 5 metros. Conforme original de Rosa Neto (2002)

No teste de motricidade global para oito anos foi adotado o seguinte método: Com os pés juntos: saltar sem impulso uma altura de 40 cm, figura nº 14. Erros: tocar no elástico; cair (apesar de não ter tocado no elástico); tocar no chão com as mãos. Tentativas: três no total, sendo que duas deverão ser positivas. No teste de motricidade global para nove anos foi adotado o seguinte método: saltar no ar, flexionar os joelhos para tocar os calcanhares com as mãos, figura nº 15. Erros: não tocar nos calcanhares. Tentativas: três.

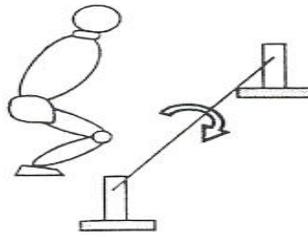


Figura 14. Saltar sobre o elástico uma altura de 40 cm. Conforme original de Rosa Neto (2002)

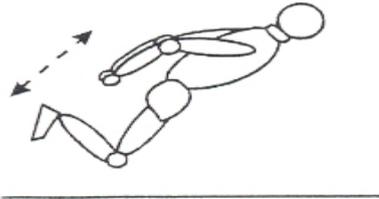


Figura 15. Saltar no ar flexionando os joelhos para tocar os calcanhares. Conforme original de Rosa Neto (2002)

No teste de motricidade global para dez anos foi adotado o seguinte método: Joelho flexionado em ângulo reto, braços relaxados ao longo do corpo. A 25 cm do pé que repousa no solo se coloca uma caixa de fósforos. A criança deve levá-la impulsionando-a com o pé até o ponto situado a 5 metros, figura nº 17. Erros: tocar no chão (ainda que uma só vez) com o outro pé; movimentos exagerados com os braços, a caixa ultrapassar em mais de 50 cm do ponto fixado; falhar no deslocamento da caixa. Tentativas: três para cada perna.

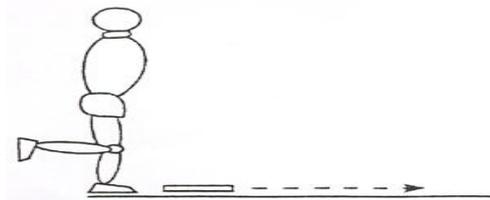


Figura 17. Levar a caixa de fósforos até o ponto situado com a perna flexionada. Conforme original de Rosa Neto (2002)

No teste de motricidade global para onze anos foi adotado o seguinte método: Salto com impulso de 1 metro de distância sobre uma cadeira de 45 a 50 cm de altura, cujo encosto está sustentado pelo examinador, figura nº 16. Erros: perder o equilíbrio e cair, agarrar-se no encosto da cadeira. Tentativas: três.

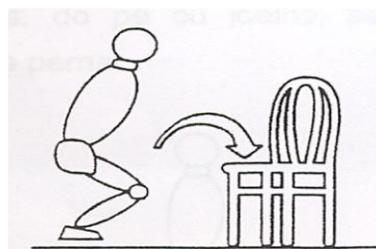


Figura 16. Saltar sobre a cadeira. Conforme original de Rosa Neto (2002)

Os alunos foram educados obedecendo todas as dicas para a realização dos testes,

entusiasmado e confiantes ficando muitas vezes chateados quando não conseguiam realizar o teste por completo. Contudo, os testes foram favoráveis com os resultados da pesquisa.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUÇÃO DOS RESULTADOS

Para apresentação, discussão e visualização dos resultados da pesquisa optou-se pela apresentação em tabelas que sintetizam os dados obtidos pelo instrumento aplicado durante a sua coleta bateria de testes, Escala de Desenvolvimento Motor de Rosa Neto, (2002).

A tabela 1 apresenta a distribuição dos alunos da quinta série por gênero.

Tabela 1. Total de participantes em relação ao gênero e série.

Série	Gênero	f	%
5º ano	Meninas	7	50
5º ano	Meninos	7	50
Total		14	100

Fonte: Dados da pesquisa

Os sujeitos que participaram do estudo foram alunos do quinto ano do ensino fundamental, compostas por sete alunos do sexo feminino (n=7, 50%) e sete alunos do sexo masculino (n=7, 50%).

A tabela 2 apresenta os dados em relação à idade cronológica dos alunos.

Tabela 2. Idade cronológica de participantes em relação ao gênero e série.

Série	Gênero	Idade	f	%
5º ano	Meninas	10 anos	3	21
	Meninos	10 anos	3	21
	Meninos	11 anos	3	21
	Meninas	11 anos	2	17
	Meninas	12 anos	1	14
	Meninos	12 anos	2	7
Total			14	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Pelos dados apresentados, no quinto ano três alunos do sexo masculino apresentam idade cronológica de 10 anos (n=3, 21%), e três alunos do sexo feminino apresentaram idade cronológica de 10 anos (n=3, 21%). Três alunos do sexo masculino (n=3, 21%) apresentaram

idade cronológica de 11 anos, dois alunos (n=2, 14%) do sexo feminino apresentaram idade cronológica de 11 anos. Um aluno do sexo masculino (n=1, 7%) apresentou idade cronológica de 12 anos, e 2 alunos (n=2, 14%) do sexo feminino apresentaram idade cronológica de 12 anos.

Considerando que a idade cronológica para alunos de quinto ano seja de 11 anos, foi possível constatar que cinco alunos pesquisados (n=35%) encontram-se na idade desejada.

Na tabela 3 encontram-se os dados dos testes de Motricidade Fina.

Tabela 3. Motricidade fina

Série	Gênero	Idade	f	%
5º ano	Meninas	8 anos	2	14
	Meninos	3 anos	1	7
	Meninos	8 anos	5	36
	Meninas	6 anos	3	21
	Meninas	3 anos	1	7
	Meninos	5 anos	1	7
	Menina	9 anos	1	7
Total			14	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados apresentados na tabela 3 partiram dos resultados dos testes de motricidade fina, sendo que 14 alunos do quinto ano que concluíram os testes, dois alunos do sexo feminino atingiram a idade motora de 08 anos (n=2, 14%), 01 aluno atingiu a idade motora de 03 anos sendo do sexo masculino (n=1, 7%) cinco alunos do sexo masculino atingiram a idade motora de 08 anos (n=1, 7%) três alunos do sexo feminino atingiram a idade motora de 6 anos (n=3, 21%), um aluno do sexo feminino atingiu idade motora de 3 anos (n=1, 7%), um aluno do sexo masculino atingiu idade motora de 5 anos (n=1, 7%) e um aluno do sexo feminino atingiu idade motora de 9 anos (n=1, 7%).

A coordenação viso manual representa a atividade mais freqüente e mais fluente no homem, que atua para agarrar um objeto e lança-lo, escrever, desenhar, trabalhar, etc. Inclusive uma fase de transporte de mão seguida de uma fase de agarre e manipulação para integrar num conjunto seus três componentes: objeto/olho/mão. (ROSA NETO, 2002 p. 7).

Na tabela 4, encontram-se o resultado do teste de Motricidade Global. Os dados coletados mostraram que do teste realizado com o quinto ano, tivemos seis alunos do sexo feminino que atingiram idade de 06 anos (n=6, 43%), um aluno do sexo feminino atingiu idade de 04 anos (n=1, 7%), e sete alunos do sexo masculino teve idade de 06 anos (n=7, 50%).

Tabela 4. Motricidade global

Série	Gênero	Idade	f	%
5º ano	Meninas	6 anos	6	43
	Meninas	4 anos	1	7
	Meninos	6 anos	7	50
Total			14	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Segundo Rosa Neto, (2002, p.7): “A coordenação representa os movimentos dinâmicos globais (correr, saltar, treoar, andar, etc.), julgam um papel importante no melhoramento do equilíbrio dinâmico corporal e das sensações e percepções.”

A classificação da tabela 5 dá-se a partir da Escala de Quociente Motor de Rosa Neto que está mensurada em meses, da seguinte maneira:

Tabela 5. Idade cronológica e escala de quociente motor

Idade Cronológica	Quociente motor
130 meses ou mais	MUITO SUPERIOR
120 – 129 meses	SUPERIOR
110 – 119 meses	NORMAL ALTO
90 – 109 meses	NORMAL MÉDIO
80 – 89 meses	NORMAL BAIXO
70 – 79 meses	INFERIOR
69 meses ou menos	MUITO INFERIOR

Fonte: Segundo original de Rosa Neto (2002, p. 11).

A tabela nos mostra que a Motricidade Fina destas crianças em relação com os testes com eles realizadas, mostrando a idade cronológica em relação à psicomotricidade.

Na tabela 6 encontram-se quatro alunos do sexo masculino (n=4, 29%) para o indicador Normal Médio, dois alunos do sexo masculino para o indicador Muito Inferior (n=2, 14%), um aluno do sexo masculino encontra-se no indicador Inferior (n=1, 7%) um aluno do sexo feminino para o indicador Muito Inferior (n=1, 7%), dois alunos do sexo feminino para o indicador Normal Médio (n=2, 14%), um aluno do sexo feminino pra o indicador Normal (n=1, 7%) e três alunos do sexo feminino para o indicador Inferior (n=3, 21%).

Tabela 6. Motricidade fina

Série	Gênero	Quociente motor	f	%
5° ano	Meninos	Normal médio	4	29
	Meninos	Muito inferior	2	14
	Meninos	Inferior	1	7
	Meninas	Muito inferior	1	7
	Meninas	Normal médio	2	14
	Meninas	Normal	1	7
	Meninas	Inferior	3	21
Total			14	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 7 – Motricidade global

Série	Gênero	Quociente motor	f	%
5° ano	Meninas	Inferior	6	43
	Meninas	Muito inferior	1	7
	Meninos	Inferior	7	50
Total			14	100

Fonte: Dados da pesquisa

Pelos dados analisados, na tabela 7, no quinto ano obtivemos no nível Inferior seis alunos do sexo feminino (n=6, 47%), um aluno do sexo feminino com indicador Muito Inferior (n=1, 7%) e sete alunos do sexo masculino com indicador Inferior (n=7, 50%).

5. CONCLUSÃO

Segundo os dados coletados, pode-se observar que os alunos encontram em níveis inferiores a suas faixas etárias, apesar da grande força de vontade e de satisfação a cada teste realizado com sucesso, ainda não são suficientes os resultados que se obteve, pois um aluno bem preparado é aquele que consegue realizar todos os testes, pois este é o desafio de um trabalho interdisciplinar em que as aulas de educação física não podem ficar confinadas a um único espaço. Se a questão é o corpo ele deverá ser trabalhado em mais de um momento,

visando o processo de escolarização por compartimentos.

De modo geral, o ser humano está em constante desenvolvimento, pois algo de novo é incorporado diariamente, seja no simples fato de ficar mais velho ou de ter adquirido uma nova habilidade. O movimento exerce uma função essencial no processo de desenvolvimento que é o de deslocamento de parte do corpo ou do corpo como um todo em todas as ações.

No contexto da escola, os problemas levantados não são apenas físicos, ou emocionais ou cognitivos, e as soluções não se encontram nem na sala de aula, nem no intervalo, nem no trabalho individual, nem no trabalho em pequenos ou grandes grupos, mais em todas as instâncias da vida escolar.

O ser humano nasce com uma estrutura corporal que é própria de espécie. De modo que através de experiências motoras, esta estrutura corporal vai tomando a forma de seu próprio corpo, cujas características são próprias e únicas deste ser em desenvolvimento e em movimento, pois em cada estágio os elementos da consciência corporal vão se desenvolvendo. Entretanto, se são destacadas deficiências na consciência corporal, estas podem dificultar e retardar todo processo de escolarização, sendo necessário que atividades físicas sejam especialmente programadas para o desenvolvimento destes elementos ou dos componentes que estejam apresentando limitações.

Aos professores de Educação Física cabe a tarefa de melhor aproveitar os exercícios que visam o desenvolvimento da psicomotricidade nos seus alunos para que estes tenham uma melhor oportunidade de adquirirem novas habilidades que lhes terão um desenvolvimento mais amplo e global. Com isso a escola tenderá a melhorar cada vez mais a sua competência e formar alunos melhor preparados e mais aptos a alcançarem o sucesso.

REFERÊNCIAS

CHUM, B. M. F. **Desenvolvimento motor da criança**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.

COSTE, J. C. A. **Psicomotricidade**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1992.

D'IANCAO, D. D. M. **Movimento em psicomotricidade: exercícios**. São Paulo: Ática, 1988.

FONSECA, V. **Manual de observação psicomotora: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores.** Porto Alegre: Artes Médicas, [s. d.].

_____. **Perspectivas multidisciplinares.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. **Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese.** 2. ed. Ver. E aum. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREITAS, G. G. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade.** Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 1999.

GOMES, V. M. **Práticas psicomotoras na pré-escola.** São Paulo: Ática, 1987.

LE BOULCH, Jean. **Educação Psicomotora: psicocinética na idade escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. **O desenvolvimento psicomotor.** 7.ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1982.

_____. **O Desenvolvimento Psicomotor: do Nascimento Até 6 Anos.** 7.ed. Editora: Artes Médicas, 1992.

MELLO, A. M. de. **Psicomotricidade, educação física e jogos infantis.** 4.ed. São Paulo: IBRASA, 1989.

MEUR, A.; STAES, L. **Psicomotricidade: educação e reeducação.** São Paulo: Manole, 1989.

NICOLA, M. **Psicomotricidade: manual básico.** Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

RODRIGUES, Renato Gonçalves José Correa. **Procedimento de metodologia científica.** 5. ed. Lages, SC. PAPERVEST. 2007.

ROSA NETO, F. **Escala de desenvolvimento motor.** Porto Alegre: Artmed, 2002.